

POVO XUKURU DO ORORUBÁ: HISTÓRIA A PARTIR DAS MEMÓRIAS DE “SEU” GERCINO

Edson Silva¹

As memórias como fontes de pesquisa para a história dos Xukuru do Ororubá

Os índios no Brasil estão despertando nos últimos anos maiores interesses de pesquisas e reflexões por parte de historiadores/as. A partir do diálogo com categorias de análises antropológicas sobre a cultura e as relações coloniais, com um novo olhar que supera as tradicionais visões eurocêntricas, etnocêntricas e evolucionistas, atualmente uma “nova história indígena”, tem sido elaborada uma considerável produção sobre a história desses povos. Essas pesquisas no Nordeste apesar de serem ainda pequenas em termos quantitativos, principalmente na área de História, colocam em xeque abordagens que afirmam o desaparecimento e a inexistência de povos indígenas na Região.

Deixados à margem por uma história colonial e triunfalista, os povos indígenas assim como outros grupos de marginalizados, foram sempre discriminados nos documentos oficiais. Como em grande parte os índios possuem pouco acesso e domínio da escrita para se expressarem, suas memórias orais são fontes privilegiadas para a pesquisa histórica. Nesse sentido é que,

(...) o uso das fontes orais permite não apenas incorporar indivíduos ou coletividades até agora marginalizados ou pouco representados nos documentos arquivísticos, mas também facilita o estudo de atos e situações que a racionalidade de um momento histórico concreto impede que apareçam nos documentos escritos. Assim, portanto, as fontes orais possibilitam incorporar não apenas indivíduos à construção do discurso do historiador, mas nos permite conhecer e compreender situações insuficientemente estudadas até agora.²

A colonização portuguesa na região onde habitam os Xukuru ocorreu a partir de 1654, quando o Rei de Portugal fez doações de grandes sesmarias de terras, a senhores de engenho do litoral para criação de gado. Em 1661, atendendo uma solicitação oficial, os padres Oratorianos fundaram o Aldeamento do Ararobá de Nossa Senhora das Montanhas, onde também os missionários possuíram fazendas

¹ Doutor em História Social pela UNICAMP. Mestre em História pela UFPE. Leciona História no CENTRO DE EDUCAÇÃO/Col. de Aplicação-UFPE. E-mail: edson.edsilva @ gmail.com

² ALCÁZAR I GARRIDO, Joan Del. As fontes orais na pesquisa histórica: uma contribuição ao debate. *Revista Brasileira de História*, São Paulo, v.13, n.º 25/26, p. 33-54, set.1992/ago. , 1993.

de gado utilizando a mão-de-obra indígena³. Com o Diretório do Marquês de Pombal de 1757, o antigo Aldeamento do Ararobá foi elevado em 1762 à categoria de Vila, com o nome de Cimbres. Em 1880 a sede do município foi transferida para Pesqueira e Vila de Cimbres passou a condição de distrito.

As terras do antigo aldeamento de Cimbres foram ao longo do tempo sendo invadidas por arrendatários que se apossavam das terras indígenas. No Século XIX consolidaram-se as invasões daquelas terras pelos antepassados das famílias tradicionais da região de Pesqueira. Com a Lei de Terras em 1850, esses invasores e as autoridades provinciais passaram a pedir sistematicamente ao Governo Imperial a extinção do aldeamento. A Câmara Municipal em sucessivos ofícios endereçados as autoridades provinciais, alegando que no local já não existiam mais índios, e sim caboclos, e da necessidade de expansão do Município, requeria continuamente as terras indígenas como patrimônio. Atendendo as insistentes solicitações, em 1879 o Governo Imperial decretou oficialmente a extinção do Aldeamento de Cimbres. Foram favorecidos os arrendatários, muitos deles vereadores e fazendeiros invasores das terras Xukuru, membros da elite local com consideráveis relações e influências na política provincial e nacional.

Fugindo das perseguições famílias Xukuru se dispersaram pela região, ou foram morar em terras de outros ex-aldeamentos e nas periferias das cidades. Outras famílias que foram discriminadas ao serem chamadas de “caboclos do Orubá”, resistiram em pequenas glebas de terras, os sítios, em locais de difíceis acessos. Ou ficaram trabalhando em suas próprias terras, na condição de moradores, exploradas como mão-de-obra pelos fazendeiros.

Nos relatos das memórias orais dos Xukuru do Ororubá, é possível perceber vários momentos que expressaram o cotidiano, os espaços de sociabilidades criados na Serra do Ororubá; o significado de Cimbres como um espaço de referência da memória mítico-religiosa para a afirmação da identidade do grupo; as relações de trabalho com os fazendeiros ou como operários na indústria, em Pesqueira. E ainda nas atividades exercidas para sobrevivência, por falta de terras ou em razão da seca, na lavoura canavieira na Zona da Mata Sul pernambucana e Norte alagoana, ou nas plantações de algodão no Sertão paraibano. São fragmentos colhidos de relatos individuais, de memórias autobiográficas, mas que fazem parte de uma história coletiva, na medida em que toda memória individual se apóia na memória grupal, pois toda história de vida faz parte da história em geral⁴.

As memórias, os relatos orais indígenas, no caso aqui dos Xukuru do Ororubá, são, portanto, importantes fontes de pesquisa, possibilitando compreender as visões que os próprios indígenas têm da história, as leituras que eles fazem de acontecimentos e da dinâmica das relações sociais, em que estiveram e estão inseridos. Nessa perspectiva, pode-se afirmar que, um/a entrevistado/a em seu depoimento “*nos revela pedaços do passado, encadeados em um sentido no momento em que são contados e em que perguntamos a respeito*”, ocorrendo uma “*recuperação do vivido conforme concebido por quem viveu*”⁵. Foram selecionados a seguir alguns

³ MEDEIROS, Maria do Céu. *Igreja e dominação no Brasil escravista: o caso dos Oratorianos de Pernambuco (1659-1830)*. João Pessoa, Idéia, 1993.

⁴ HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. São Paulo: Centauro, 2004, p. 59.

⁵ ALBERTI, V. *Ouvir contar: textos em História Oral*. Rio de Janeiro, FGV, 2004, p. 15.

trechos dos relatos das memórias orais de “Seu” Gercino para ilustrarem nossas reflexões⁶.

Viagens de idas e volta para a cidade, “o Sul” e “o Sertão”

Nascido em 1924, na Aldeia Cana Brava, uma das muitas localidades espalhadas pela Serra do Ororubá, Gercino Balbino da Silva, conhecido por “Seu” Gercino, faleceu aos 83 anos em junho de 2007. Na época em que nasceu as terras do antigo aldeamento, declarado extinto em fins do século XIX, estavam invadidas por fazendeiros criadores de gado e senhores de engenhos que nas áreas de brejo produziam cachaça e rapadura.

Uma grande produção de leite era contabilizada e exaltada no município de Pesqueira. Fartura para uns poucos, miséria para muitas famílias Xukuru. Uma época difícil lembrada por “Seu” Gercino. Época de muita fome, com muitas crianças mortas por desnutrição como demonstram os próprios dados oficiais nos arquivos da Prefeitura de Pesqueira. O menino Gercino foi um dos sobreviventes.

A opção para os índios era o chamado trabalho alugado. Sem terras para plantar e viver, os pais de “Seu” Gercino foram morar em Sítio do Meio, também localizado na Serra do Ororubá, com os avós do menino que trabalhavam “de alugado” para um fazendeiro local. Desde criança Gercino enfrentou uma vida árdua. Aos oito anos, como seus pais e avós, trabalhava no “cabo da enxada”, porém só recebia cinco tostões por dia. Era a metade de uma diária paga a um trabalhador adulto.

Assim como as demais famílias indígenas na Serra do Ororubá, além do trabalho alugado os familiares de “Seu” Gercino eram moradores nas terras em mãos dos fazendeiros. Moravam “de favor” e plantavam roça: milho e feijão para a subsistência. Com o compromisso de plantar o capim para o gado do invasor. Muitas vezes, mal dava tempo para colheita. Com o milho ainda verde o fazendeiro soltava o gado na plantação destruindo a roça. E também aumentava a pressão dos fazendeiros sobre aqueles que possuíam pequenos pedaços de terras, arrendando-as, comprando-as, tomando-as a força. O que provocou a dispersão de famílias indígenas,

E pagava a renda com a planta do capim ou da palma. Era. E o índio tinha que fazer aquilo mesmo. E eles aqueles, os índios que tinham um pedacinho de terra, ai foram apertando, os fazendeiros foram apertando, foram apertando e eles tudo de boca aberta, nem davam o roçado, nem arrendava e nem nada. Eu compro “Seu” pedacinho de terra e eles besta comprava, vendia ou vendia. Vou sair daqui que doutor fulano vai tomar conta disso aqui e depois pode dele não querer pagar e nós perde, vendiam. Vendiam e iam pra rua e outros ia s’imbora pelo mundo, por aí a fora, vivia por esses cantos.

Se reclamassem eram expulsos, sem direito algum. Onde moravam a casa era derrubada e o terreno transformado em plantio de pasto para os bois. Na lógica

⁶ A entrevista com “Seu” Gercino, na época com 80 anos, foi realizada em 11/08/2004, na Aldeia Pedra D’Água, Serra do Ororubá, Pesqueira/PE.

capitalista dos fazendeiros, os bois tinham o valor no lugar das vidas humanas.

Nos períodos em que seca atingia o Agreste, inclusive a Serra do Ororubá, os índios sem terras e mesmo aqueles que possuíam pequenas glebas, eram obrigados a migrarem. Famílias inteiras partiam em busca de melhores condições de vida, para retornarem quando chovesse e tivessem como viver da terra. Nesses momentos os fazendeiros se aproveitavam para se apossarem das terras dos que migravam. Os Xukuru relatam diversos casos ocorridos. “Seu” Gercino falou de uma dessas situações:

Eu conheço um terreno que foi tomado, grande não é pequeno não, ali em Brejinho. Lá em baixo em Brejinho, foi tomado eu era menino, menino pequeno. Tinha os proprietários lá. Eram família de Floriano, era um negócio de avô, essas coisas. Eles tinham esse terreno lá. Ainda hoje tá lá ou tá aqui agora. Os que eram dono, fazendeiros para se apossarem das terras. Houve uma seca de apertar que eu não me lembro que ano foi. Os pobres não tinham nada. Só tinha uma casinha, em uma propriedade tinha três casinhas. Queriam ir pro Sul, mas não tinham o dinheiro pra ir, de pé não dava pra ir pro modo a família e agora aí foram ao finado Tito Wanderlei (fazendeiro).

A família foi ao escritório do fazendeiro, de quem tomou dinheiro emprestado para viagem:

“O senhor fica com o terreno, quando nós voltar a gente paga ao senhor e o senhor entrega os nossos terrenos”. “Tá certo. Tá certo. Tá bom. Quanto que quer cada um?” Ai o mais velho que era Manoel, num era não, Manoel de não sei que. “O senhor empresta a cada um de nós”, eram três, “o senhor empresta”, era coisinha pouca nesse tempo, valia alguma coisa e mais se sobrar de risco, não valia nada. Coisinha pouca cada um, bateu o dinheiro a eles, na quinta-feira eles desceram. Ele ficou por conta dos terrenos, quando bateu a época que eles vieram s’imbora.

Deixaram as terras com o fazendeiro, como garantia pelo empréstimo. Mas, quando retornaram o fazendeiro tinha se apossado delas:

Ele ficou por conta dos terrenos. Quando bateu a época que eles vieram s’imbora. “Tomar conta dos nossos terrenos pra nós trabalhar e se manter, vamos”. Vieram s’imbora num dia de quarta-feira, na quinta desceram pra onde tava ele. Chegaram lá, falaram os terrenos. Ele disse: “-que terreno, vocês não me venderam os terrenos de vocês. Tão querendo me roubar é?! Venderam o terreno, gastaram o dinheiro e agora querem tomar o terreno de volta de novo. ‘Vocês fiquem calado com isso’. E agora eu tô dizendo aqui, porque eu vi. Eu era menino, mas vi. “Cês pensa que eu sô idiota. Eu comprei o terreno de vocês, paguei, não devo e agora vocês querem roubar o terreno. Eu boto todos três na cadeia já!”

Acompanhando seus parentes índios xukurus “Seu” Gercino migrou para “o sul”, como chamavam a Zona da Mata Sul de Pernambuco. Para trabalharem nos canaviais e nas usinas de cana-de-açúcar. Na esperança de retornar trazendo um pouco de dinheiro para os familiares como os mais idosos, mulheres, crianças e todos que não podiam ir para “o sul”. A falta de terras para trabalhar, provocava a busca de trabalho:

Falta de ganho, porque nós nascemos e se criamos aqui e ninguém nunca passou fome. A falta de coragem de trabalhar, não. Agora, se nós queria ganhar o nosso trocado pra fazer a nossa despesa, não tinha, onde podia ter era no sul, ou na Paraíba. Aí nós ia procurar qual era o mais perto pra nós ir. As vezes nós ia pra Paraíba, as vezes ia pro sul atrás de ganhar pra num ver a família passar privação, né na cidade. Aí nós ia. Trabalhava no sul, sempre nós trabalhava dois mês, três, vinha embora. E aqui na Paraíba, nós trabalhava às vezes três, quatro mês, ai vinha embora.

“Seu” Gercino trabalhou no fabrico do açúcar em várias usinas na Zona da Mata Sul de Pernambuco até a fronteira com Alagoas,

Na cana, eu mesmo só trabalhei na Usina. Oito dias, depois de oito dias eu fui trabalhar dentro da usina. Aí aprendi a turbinar açúcar. Aí eu não acostumei, trabalhava nas turbinas. Trabalhei em Ilha Pedrosa. Trabalhei em Caxangá. Trabalhei em Ribeirão e por ali abaixo. Até na porta de Alagoas trabalhei tudo. Trabalhava turbinando.

No livro *A terra e o homem no Nordeste*, seu autor Manuel Correia de Andrade discutindo o desenvolvimento das usinas e a proletarização dos trabalhadores rurais, citou mais de uma vez os “corumbas”. Eram os migrantes sazonais vindo do Agreste para trabalharem na lavoura canavieira, e que retornavam no inverno para as suas regiões de origem, pois, “Como proprietários de pequenos lotes ou como rendeiros, se não possuem terra, cultivam lavouras de subsistência ao caírem às primeiras chuvas”⁷, onde permaneciam até a colheita das suas lavouras. Mas,

*Chegado, porém, o estio, nos meses de setembro e outubro, quando as usinas começam a moer e a seca não permite a existência de trabalhos agrícolas no Agreste, eles descem em grupos em direção à área canavieira, às vezes a pé, às vezes em caminhões, e vem oferecer seus trabalhos nas usinas e engenhos. Aí permanecem até as primeiras chuvas que são no Agreste em março ou abril, quando regressam aos seus lares a fim de instalar novos roçados.*⁸

A viagem de ida para o “sul” era muito penosa. Feita a pé e com poucos víveres. Eram percorridos quilômetros de estradas em dois dias, pela caatinga seca até Caruaru e dali continuavam a caminhada pelas matas de Bonito até a região dos

⁷ ANDRADE, Manuel Correia de. *A terra e o homem no Nordeste*. 4ª ed. São Paulo, LECH, 1980, p. 111.

⁸ ANDRADE, *A terra...*, p. 111.

canaviais. Enfrentavam-se vários perigos: além dos ataques de animais, o risco de assaltos e emboscadas, principalmente no retorno quando se portava os valores ganhos no trabalho às vezes de até quatro meses.

As condições pessoais para a viagem ao “sul” foram relatadas por “Seu” Gercino. Questionado sobre os pertences levados, ele falou que alguns transportavam roupas, rede, muitos iam descalços e assim trabalhavam,

Uma rede, um lençol, uma roupinha. Às vezes tinha um parzinho de alpercatas e quem não tinha ia de pé descalço, era. Passei isso muito. Eu nunca fui descalço não, porque toda vida fui prevenido, gosto de possuir um parzinho de calçado, de alpercata de eu viajar. Mas muitos que não ligava pra isso. De certos tempos pra cá é que muitas gente não anda de pé descalço, mas do meu entendimento de trabalho pra trás tinha muitos que não usava calçado não. Brocava, limpava mato, fazia tudo, mas com os pés descalços, calçava não.

Ele lembrou que na falta de recursos financeiros ou para economizar o dinheiro ganho, faziam o percurso caminhando até a boa parte do trajeto,

La pro sul ia muitos a pés, porque não tinha o trocado pra pagar passagem, as vezes nós pegava trem aqui até Caruaru, de Caruaru ia de a pés, porque não tinha trocado, né? Pronto, muitos e muitos, porque muitos que já foram já morreram tudo. Que iam de pés e às vezes voltavam porque não queriam gastar o transporte.

Um pesquisador que esteve na Zona da Mata Sul pernambucana nos primeiros meses de 1972, perplexo, constatava as dificuldades para entrevistar os trabalhadores na época de moagem das usinas, pois a jornada de trabalho era enorme. A maioria das usinas funcionava 24 horas. O trabalho no fabrico do açúcar era e ainda é mais especializado, todavia, mais cansativo. O pesquisador constatou também que os direitos trabalhistas só eram respeitados para os trabalhadores nas oficinas mecânicas das usinas. Os que exerciam atividades na moagem, nas turbinas, frente ao “vapor do diabo”, como chamavam, além da longa jornada de trabalho em duras condições ambientais e periculosidade, não possuíam carteira de trabalho e ganhavam por diária.⁹

Situação semelhante expressou “Seu” Gercino na continuidade do seu depoimento. Ele falou também que, como ainda ocorre contemporaneamente, os trabalhadores envolvidos diretamente no corte da cana-de-açúcar não eram registrados. O ganho semanal na época era o suficiente para a compra de alimentos relativamente mais baratos e fazer economias para trazer para a família, na Serra do Ororubá:

No sul a primeira vez que eu fui, eu trabalhava por semana. Semanal na usina. Era seis mil réis por semana. Tá vendo? Seis mil réis de sábado a sábado. Era seis mil réis, quando eu fui. Depois que eu passei

⁹ LOPES, José Sérgio Leite. *O vapor do diabo: o trabalho dos operários do açúcar*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978, p. 62-108.

a turbinar, ai subiu. Ai eu ganhava doze mil réis por semana e nunca ficharam carteira. Eu não sei agora, faz tempo que eu fui. Não sei, mas no tempo que eu trabalhei não. Assinava carteira não. Em serviço nenhum. Cortador de cana, cambiteiro, cocheiro, esse povo que lutava com animal, não tinha nada fichado, não. Tudo era avulso. Mas o que a gente ganhava dava. Porque tudo era mais... Não era caro. Sempre era mais barato. O charque era mais barato, feijão mais barato, farinha mais barata e pronto. Dava e a gente ainda trazia um trocado pra casa.

O trabalho durava os últimos cinco meses do ano. Era realizado sem os direitos legais:

Era assim, nós começava no mês de agosto. Nesse mês, nós chegava lá as vezes a usina já tava trabalhando e as vezes nós chegava se ela não tivesse trabalhando, ia trabalhar. Só voltava no mês de dezembro, sempre era o mês de dezembro, nós voltava. No sul não se assinava nada. Só assinava o nome na folha pra receber.

Com o dinheiro recebido o trabalhador pagava sua manutenção e comprava o mínimo de alimentação:

Pagava barracão. Pagava às vezes uma lavagemzinha de roupa. Às vezes um kilo de carne que a gente comprava assim no meio da semana e pronto. Alimentação era por conta da gente. A gente é que tinha que comprar, fazer a feirinha da gente, comprar o feijão, a farinha. Nesse tempo, arroz era meio difícil, aí nós comprava feijão, a farinha, uma carnezinha pra almoçar. A carne nossa do sul era charque, carne de charque. Nós fazia aquela feira simples, um trocadinho que sobrava, guardava.

No início da década de 1970, o recrutamento de trabalhadores para os serviços mais especializados no fabrico do açúcar era feito dentre os chamados “corumbas”. Trabalhadores originários em sua maioria do Agreste, que sazonalmente se dirigiam para a Zona da Mata Sul de Pernambuco. Na maior parte das usinas esses trabalhadores, a exemplo de “Seu” Gercino, assumiam atividades na moagem, como nas turbinas.¹⁰

Durante o período de trabalho as condições de alojamento eram precárias, “os corumbas” ficavam em galpões coletivos como relatou “Seu” Gercino:

Morava no barracamento da usina, que a usina tem uns barracamentos pra o operariado todo. Nesse tempo eles não chamava operários, era pião. Tinha pião, que tinha três, quatro numa barraca, cinco, seis noutra, tinha o barracão, a barraca grande, galpão. Era Corumbá. Tinha cinqüenta, sessenta corumba tinha. Se tivesse lugar de amarrar rede.

¹⁰ LOPES, *O vapor do diabo...*, p. 154.

No anteriormente citado, *A terra e o homem no Nordeste*, o autor enfatizou a importância fundamental da mão-de-obra desses trabalhadores para a produção do açúcar. Informando ainda da necessidade deles para algumas usinas, em virtude de suas localizações geográficas:

*As usinas mais distantes do litoral, como Roçadinho, Pedrosa, Catende, Serra Grande, etc., por se localizarem próximas ao Agreste, recebem os corumbas mais facilmente em maior número. Aquelas localizadas distantes necessitam, às vezes, enviar caminhões às cidades agrestinas em dias de feira para agenciar trabalhadores.*¹¹

Uma outra pesquisa realizada também no início da década de 1970, na cidade de Ribeirão, Zona da Mata Sul pernambucana, constatou que: um expressivo percentual dos trabalhadores, “chefes de famílias”, na lavoura canavieira eram originalmente agricultores de subsistência no Agreste. A migração era motivada pela capacidade do processo produtivo do açúcar de absorver anualmente grandes contingentes de mão-de-obra, aliada à insuficiência de terras pelas pequenas dimensões das propriedades ou ainda pela sua baixa produtividade para manutenção das famílias em seus lugares de origem.¹²

No caso da Serra do Ororubá, além da falta de terras para os índios trabalharem, somava-se também as secas sazonais, que coincidiam com a época da moagem das usinas de açúcar. As viagens de “Seu” Gercino e demais companheiros para “o sul” ocorreram porque “Não tinha serviço” na Ororubá:

Eu fui umas vezes. Pro sul eu fui umas duas vezes ou três vezes. Uma vez eu fui com um tio meu, Tio Antonio Brabinha, depois no outro ano ele não quis ir, eu fui sozinho. Não sobrava não. Quando eu saí daqui que eu fui só se daqui pra sair a Pedrosa. Fui a pé inté. Fui a pé de São José das Lajes pra Pedrosa. Três léguas de pé. E daqui pra São José das Lajes eu fui de caminhão nesse tempo.

No relato, “Seu” Gercino afirmou a existência de uma rede de pessoas amigas, uma delas um Xukuru ocupante de um posto na usina, que garantia trabalho para os migrantes, quando não havia condições de trabalhar no Ororubá:

Trabalhei lá em Pedrosa. Não tinha serviço. O gerente de lá era conhecido da gente daqui. Era um caboclo. Era Raimundo. Raimundo, irmão de Sebastião que mora aí, que é irmão de Miguel. Ele era gerente lá, a gente descia daqui, chegasse lá, só não trabalhava se não tivesse jeito mesmo. Mas ele fazia tudo e botava nós pra trabalhar, que ele era caboclo também. Gostava da gente, nós nunca sobremos.

Mas, quando as relações de amizade não foram suficientes para a garantia de uma ocupação na lavoura canavieira, “Seu” Gercino continuou a procura de trabalho em outras localidades de Alagoas, com condições mais favoráveis:

¹¹ ANDRADE, *A Terra...*, p. 112.

¹² SUAREZ, Maria Teresa S. de Melo. *Cassacos e corumbas*. São Paulo: Ática, 1977, p. 85, 93-94.

Mas no ano que eu fui sozinho, eu sobrei, porque eu cheguei lá não tinha casa, já tinha virado. Já tava completo. Ai Raimundo disse “-tu quer esse? Se tu esperar oito dias tu espera. Se você não puder esperar, você procura outra usina”. “Tá certo”! Ai eu desci fui pra Caxangá. Caxangá trabalhei uma semana, turbinando, mas não me agradei, porque eles roubavam muito as horas da gente. Ai desci fui pra Ribeirão, trabalhei oito dias também, não deu. Ai eu digo: “- Agora, eu já sei”. Solteiro, não tinha em quem pensar. Peguei o saquinho nas costas e fui ficar em Serro Azul, Alagoas, no centro mesmo. Daqui agora ou língua ou beijo, daqui eu volto pra casa ou fico aqui mesmo. Mas ganhei a linha de Alagoas, subindo, subindo, subindo, fui parar quase no fim do Sul de Alagoas.

Do que fora ganho, o máximo possível era guardando para ser trazido à família. O momento do retorno era quando iniciava o armazenamento do açúcar e de preparação da terra para o replantio da cana,

Trazer pra família, guardava não era pra outra coisa. Pra quando dissesse ‘vou m’imbora’, ter o dele. Pagava um transporte se encontrasse se não encontrasse era de pé mesmo e vinha. Trazer uma remessa em casa. Ai era tempo que começava o serviço de doca. Às vezes de limpa de mato. Ai nós não descia mais.

O sítio, um espaço de sociabilidades

Entre os Xukuru, o “sítio” significa também o espaço de moradia de um grupo de famílias em pequenos lotes conjugados, herdados dos antepassados. Cujos limites chegam a ser confundidos em razão das relações de parentesco. Pois, no geral no sítio reside a parentela, constituída de irmãos/as, cunhados/as, tios/as e primos/as.

Mas mesmo com toda exclusão imposta pelos fazendeiros, algumas poucas famílias Xukuru espremidas em seus pequenos sítios, como moradores ou trabalhando nas fazendas e nos engenhos, por meio dos mutirões, das festas e as novenas realizadas em vários locais na Serra do Ororubá, vivenciavam intensos laços e situações de solidariedade. “Seu” Gercino recordou que durante as novenas se começavam muitos namoros, futuros casamentos.

Uma das formas em que o sítio também se expressava enquanto um espaço de relações sociais ocorreu durante os “ajuntados”, “juntada” ou ainda “adjunto”, como os Xukuru chamam o trabalho em mutirão, na roça. O exercício do trabalho em mutirão significava a reciprocidade. Aquele que convidava deveria participar dos demais mutirões e assim todos se ajudavam, como recordou “Seu” Gercino:

Tal dia nós vamos pra fulano de tal, tal dia nós vamos pra mim. Então, assim nós vivia. Cansei de trabalhar em juntada. Caboclo se ajudava aos outros assim, botava um adjunto. Assis Pereira mesmo botou adjunto que ele era mais forte, uma coisinha podia botar. Finada Joana Batista nessa juntada dela, tinha duzentos e sessenta e dois.

De agricultores a operários

O núcleo urbano que mais tarde seria a cidade de Pesqueira ganhara importância por estar localizado às margens da estrada, caminho de gentes e das boiadas que trafegavam entre o litoral e o Sertão do São Francisco. A pequena povoação no sopé da Serra do Ororubá superou a antiga Vila de Cimbres situada no distante alto da mesma Serra. A cidade cresceu impulsionada pelo comércio, beneficiado pela sua localização estratégica.

Com a estrada de ferro que chegou até o município em 1907, a cidade consolidava-se como entreposto comercial e ocorreu também um grande impulso no crescimento urbano a Pesqueira. O transporte rápido e barato possibilitou a fábrica de doces “Peixe” fundada pela família Brito em 1902, ampliar sua produção para novos mercados. Permitiu com isso a adoção de inovações tecnológicas, como a substituição dos tachos aquecidos à lenha pelos a vapor e o surgimento de uma outra indústria doceira, a fábrica “Rosa” de propriedade da família Didier.

As frutas destinadas à indústria de doces provinham principalmente das terras férteis da Serra do Ororubá. Multiplicou-se por toda Serra os plantios de goiabas e bananas. As fazendas de gado estimularam o surgimento de fábricas de laticínios. Por volta de 1914 foi iniciado o beneficiamento do tomate pela Fábrica “Peixe”, necessitando de áreas para o plantio do produto. Ampliava-se o parque industrial com a instalação de mais unidades da “Peixe” e de novas fábricas como a Tigre, Paulo de Brito, “Peixinho” e a Recreio.¹³

Grande parte dos operários na Fábrica Peixe eram índios vindos da Serra do Ororubá. Durante a colheita das grandes safras, nas fábricas em Pesqueira trabalhavam muitos índios, mas sem vínculo empregatício. Trabalho duro no período noturno, para evitar a fiscalização trabalhista. “Seu” Gercino trabalhou na Fábrica Peixe, foi mandado embora por causa da idade,

Eu trabalhei no armazém. Descarregando caminhão de açúcar. Pagava o salário. Eu trabalhei, eu não me lembro direito não... Parece que eu trabalhei uns três anos. Eu sei porque foi quando teve uma mudança de Gerente. O gerente até de Campinas de São Paulo. Chegou, tomou conta, ai aqueles operário mais velho ele foi tirando. Tirando, tirando, tirando, tirando, ai eu saí.

Sem trabalho na fábrica a saída foi buscar alternativas. Como a Serra do Ororubá está situada entre a fronteira pernambucana e paraibana, muitos Xukuru migraram para o Sertão da Paraíba, onde foram trabalhar nas lavouras de algodão. Na falta de recursos financeiros, como ocorria nas viagens para “o sul”, se deslocavam também a pé como disse “Seu” Gercino: “Daqui nós ia de a pés prá Paraíba. Ia daqui de Cana Braba mesmo, os conhecidos dali de Cana Braba”.

¹³ SETTE, Hilton. *Pesqueira: aspectos de sua Geografia Urbana e de suas interrelações regionais*. Tese de concurso para provimento efetivo da cadeira de Geografia do Brasil do Colégio Estadual de Pernambuco. Recife, 1956, p. 53-56.

“Seu” Gercino colheu algodão em várias localidades paraibanas. O trabalho era em condições diferenciadas do “sul”. Recebiam alimentação e estadia,

Eu ia na época da safra de algodão, de agosto pra setembro, as vezes chegava lá em setembro. Perto de Monteiro. Paraguai, Contrapina. Era tudo perto de Monteiro, a gente ia. Lá os patrão dava bóia: o almoço, a janta, a dormida, que a gente ganhasse era livre. Não tinha história de fazer feira não. O pouco que a gente ganhasse era livre. Só pra quem fumava, ai comprava fumo pra fazer os cigarro, essas coisas, mas eu não fumava.

Apesar das situações diferenciadas, em caso de acidentes de trabalho as condições para um socorro em razão das distâncias eram precárias. Em comparação com a lavoura canavieira, colher algodão era uma atividade mais leve,

Davam tudo. Davam dormida, dava comida, dava tudo. Ia daqui trabalhar, quando trabalhava que vencia o tempo vinha embora. Aleijado, ou manquejando, ou macando, tinha que se cuidar. Se fosse um negócio prá medico, era longe três léguas pro cabra ir. Como é que o cabra ia de pé? Não tinha transporte. Existia mas era carro de boi, pronto e outra coisa, nada. Porque o trabalho da gente lá era, num era complicado, era de algodão. Às vezes fazia uma cerca, era o mais complicado, mas não. Era somente catar algodão.

Por falta de terras para plantar e viver, ou perseguidos por fazendeiros, muitos Xukuru se casaram, constituíram famílias e continuaram morando em localidades paraibanas vizinhas a Serra do Ororubá. “Seu” Gercino migrou, mas voltou para Serra.

Cimbres, um espaço de identidade e memórias

Considerado um espaço sagrado pelos Xukuru, marco inicial da colonização portuguesa na região, a Vila Cimbres foi apropriada pelos índios que a transformaram em um espaço de memória e de referências. De encontros anuais para as festas religiosas do calendário católico romano, mas relidas a partir dos horizontes Xukuru. Seguindo o calendário festivo religioso em Cimbres, São João chamado *Caô* pelos Xukuru, é festejado em junho. Nossa Senhora das Montanhas, denominada pelos índios *Mãe Tamain*, no início de julho, além de São Miguel, em setembro.

O Toré dançado em Cimbres tem à frente um guia: o “Bacurau”. Acompanhando os mais velhos para a Vila, “fardadinho” desde criança, “Seu” Gercino contou como foi escolhido para suceder o índio que exercia a função do “Bacurau”:

Eu tava com idade de onze ano. Isso ai. O seguinte foi esse, o bacurau mais velho da vila era Chico Rodrigues, era um índio, um homão, e todo ano minha mãe e minha avó, nunca perdeu um ano, ia na Vila. Dia de Nossa Senhora e pelo São João e São Pedro. Ela nunca perdeu.

Quando ela ia, ela me levava Inté quando eu cheguei a onze ano. Eu já acompanhava os índio dançando. Eu também fardadinho, acompanhava nos índio. E o finado Chico Romão gostava muito de mim, porque diz que eu era esperto. Era um menino esperto, eu acompanhei, acompanhei, acompanhei. Quando eu tava com onze ano, ele era doente, o finado Chico Rodrigues...Ai, nós... eu, menino, esperto, quando chegava lá, que nós ia brincar, ele me chamava, botava eu encostado a ele.

A escolha ocorreu após um processo de aprendizado:

Ai, nós brincava... e ele, “esse menino ninguém pode deixar ele atrás não, ele tem que ir na frente! Que ele vai vendo o que eu vou fazendo, e ele vai aprendendo, ele e outros qualquer!” Mas, os outros não tinha, não sei... Não tinha cabeça, e eu interessado que era um pai d’égua mermo! Digo: eu vou ficar nesse lugar desse homem. Quando ele morrer eu tomo conta. Mas nada, ele entregou antes de morrer. Entregou a mim! Eu tinha onze ano!

O anuncio da escolha foi na presença dos mais velhos. Apesar da ausência de Jardelino, o Cacique na época. O anúncio aconteceu em uma noite de São João, momento significativo da presença Xukuru em Cimbres:

Antes de morrer. Uma, derradeira noite de São João nós fumo, chegamos lá, ele doente, doente, doente, doente. Ai foi chamou os índio. Nesse tempo, só quem ia era os índio velho. Só quem ia era aqueles índio velho. O finado Chico Rodrigues, Zé Rodrigues, Firmino Rodrigues, Mané Bilinga, esse homem velho finado Mané Neto, lá de Cabo do Campo, esse índio velho ia...Jardilino, não ia não. Ai ele fez a reunião. E chamou aqueles cabra. Tudo espiando, tudo olhando. Tudo ao redor ali. Falou, falou, falou, ai foi e disse: “Vou deixar em meu lugar esse menino! Esse menino pode tomar conta do meu lugar, e eu entrego de bom coração, de boa vontade, entrego a ele, ele é quem vai ficar assumindo o meu lugar!”.

O antigo “Bacurau” previa sua morte e anunciou seu sucessor. Mesmo com divergências em relação às condições físicas do escolhido, ele foi aceito e naquela noite assumiu suas funções:

Ai, eles tudo ficaram espiando, será que Chico tá adivinhando?! Ai, o finado Chico me disse: “Chico não vai durar muito não!” Eu fiquei por ali, desconfiado. Teve muitos deles que disse: “Você num deixe Chico esse menino, esse menino não vai assumir “Seu” lugar! Esse menino não agüenta, ele é muito novo, mas, você é quem sabe”. Ele disse: “É ele, e é ele mesmo!” Pronto. Ai aplaudiram, bateram palma, aplaudiram e tudo. Eu fiquei... Nessa noite de São João, de meia-noite em diante já quem terminou foi eu, que ele não agüentou, foi eu.

A função do “Bacurau” é exercida anualmente com bastante seriedade,

comparada até a uma “profissão”. Como o “serviço” tem uma dimensão religiosa, é necessária “uma preparação” anterior:

Todo ano. Todo ano. Não perdi ano, porque era minha profissão. Quando chegava o tempo de eu ir, mês de São João, eu podia tá onde tivesse, vinha embora. O Bacurau é quem puxa a linha do toré, o Bacurau. Se não tiver o Bacurau, tem alguns que entra pra fazer aquele serviço mas, aquele serviço não é só a gente saber, só a gente chegar e fazer não. O serviço de Bacurau tanto na maracá, que nem é hoje, como no tempo que era na mibi (gaita). Nós ia fazer aquele serviço, mas nós tinha que saber o que ia fazer, tinha que saber. Não era só chegar e fazer não. Ainda hoje é do mesmo jeito. Quando nós ia, fazer esse serviço, nós já ia preparado, nós saia de casa preparado sobre aquele serviço que nós ia fazer. Fazia a preparação em casa, e ia, já ia preparado. Quando chegava lá, acabava de se preparar. Pronto. Ai, era preciso saber o que ia fazer, não era só chegar enfiar o peito e fazer não.

No relato, “Seu” Gercino lembrou que o gaiteiro subia no morro e anunciava para as localidades mais próximas de Cana Brava, o momento da partida para os festejos na Vila de Cimbres. O contingente dos que se dirigiam à Vila aumentava à medida que passava pelas aldeias,

Dançava São João. Dançava noite de São Pedro. Dançava dia de Nossa Senhora. Dançava a festa de São Miguel em setembro. Ia e voltava. Ia e voltava. Ia a pé. Tinha o gaiteiro, ai de Cana Braba (Cana Brava), finado Antonio Nego. Quando ele ia, no dia da gente ir, todo mundo sabia. Ele saia de casa, quando chegava em cima, onde é o grupo (escola) hoje em Cana Braba, ele dava uma chamada na gaita que, ali por Cana Braba (Cana Brava) todo mundo ouvia. Marchando por ali a fora. Tionante, tudo ouvia. E ele saia. Ia ajuntando, ajuntando, ajuntando, ajuntando. Muitas vezes quando ele passou ali em Sitio do Meio, tinha de trinta pra lá. Entre homem e mulher. Nessa época, sei muito bem. Cana Braba de Fora, ia índio. Cana Braba de Dentro, ia índio, Cana Braba de Fora. Adiante, pegava Tionante. Ia, Brejinho, Afeto, Jitó. Daqui até Currau de Boi todas as aldeias ia. Caetano, Oiti, aquele Pé de Serra, lá Cardeirão, ia tudo. Ficava os índio veio, os que gostava.

O entrevistado lembrou as cana-de-açúcar que eram levadas e utilizadas durante os festejos religiosos na Vila de Cimbres. Como fazem atualmente, os índios dançavam o Toré na frente da Igreja, e entravam no templo católico romano carregando as canas, deixadas lá após o ritual:

No tempo que nós usava cana, cada qual levava uma, duas. Quem era mais forte levava duas. Levava nas costa pra Vila. Quando chegava lá, que ia pra frente da Igreja deixava tudo encostado na parede, entrava pra dentro. Fazia as nossa obrigação dentro da igreja e ai saia. Ai ficava um do lado e outro do outro e as canas faziam assim, que nem um arco. Ai nós saia, que sempre não existia aquele salão que tem hoje, não

existia. Tinha as casas pra gente ir se arranjar, naquelas casas levava tudo. Hoje tem o salão.

As canas quando era se fosse noite de São João, quando era na hora da missa, entrava. Porque os índios entrava, chegava lá na frente e cruzava assim, fazia o arco. A missa tinha uma novena. A missa. Tudo ali e a gente tudo em pé com a cana cruzada que nem um arco, porque entrasse e saia passava ali por debaixo. Quando nós saia que vinha pra fora fazer a venda de São João. A gente fazia a venda, cruzava as canas tudo, ali e fazia o Toré, quando terminava o toré, guardava as canas, que era pra no outro dia, fazer o mesmo serviço. No dia de São João, cruzava as canas, fazia a nossa obrigação nossa na frente da Igreja. Brincava e pegava as cana e deixava pros outros. Prá quem quisesse e deixava pra lá. Mas depois de nossas obrigação.

Assíduo participante no Toré que foi sempre dançado anualmente na Vila de Cimbres, “Seu Gercino” exerceu a função de “Bacurau” com maestria, desenvoltura e beleza até ser impedido por doença. Pois mesmo com peso dos anos de idade, estava lá firme e desempenhando seu papel, durante o Toré após as reuniões e nas festas realizadas na Vila.

Foi à proximidade da época e o compromisso em participar nas festas na Vila de Cimbres que motivou o retorno de “Seu” Gercino, depois de vários meses longe sem dar notícias mesmo a família,

Trabalhei dez meses. Sem dar noticia a minha família, a ninguém, porque era difícil. Não aparecia conhecido e eu não tinha por quem mandar, trabalhei dez meses. Foi no tempo, chegou o tempo deu ir pra Vila. Eu digo, “eu vou me bora”. A usina fechou que foi no mês de maio. Ai eu digo, “agora eu vou”. Ai eu vim me bora.

Memórias, história e identidade

Em fins dos anos 1980 após a participação na campanha da Constituinte, com a atuação marcante do Cacique “Xicão”, os Xukuru retomaram a mobilização por seus direitos. Motivados pelos direitos fixados na Constituição de 1988 e contando com o apoio de outros povos indígenas no Nordeste e de setores da sociedade civil, os Xukuru iniciaram a retomada de seu território tradicional, reocupando áreas de várias fazendas até então nas mãos de posseiros.

O acirramento dos conflitos entre os Xukurus e fazendeiros que eram posseiros nas terras então reivindicadas pelos indígenas, entre os fins dos anos 1980 e meados dos anos 1990, foi motivo de extensas reportagens publicadas no *Diário de Pernambuco*, no *Jornal do Comercio* ambos do Recife e no jornal *Folha de São Paulo*. Enquanto os fazendeiros negavam a presença de índios “puros” ou a ocorrência dos conflitos, os Xukuru denunciavam as violências, a miséria e a fome em razão de terem suas terras invadidas por grandes criadores de gado.

Na mobilização Xukuru na década de 1980, destacou-se Francisco de Assis Araújo, o Cacique “Xicão” como era conhecido. Além de ser uma liderança carismática para o seu povo, foi também uma expressiva e reconhecida liderança entre os demais povos indígenas no Nordeste, alcançando ainda uma considerável projeção no movimento indígena no país. Sob sua liderança os Xukuru pressionaram os órgãos públicos pelo reconhecimento de seus direitos e a demarcação de suas terras. A atuação do Cacique “Xicão” provocou a ira dos fazendeiros, a oligarquia de Pesqueira, tradicionais invasores das terras Xukuru, financiadores, como comprovaram as investigações policiais, de um pistoleiro que assassinou o Cacique em 20/05/1998.

“Seu” Gercino esteve ao lado do Cacique Xicão, de quem recebia manifestadas expressões públicas de muita estima e consideração, nas mobilizações contemporâneas dos Xukuru na busca de seus direitos. Acompanhou Xicão nas muitas viagens dos xukurus ao Recife e a Brasília onde foram pressionar a FUNAI e os demais órgãos públicos. Bem como para realizar a articulação com aliados, parceiros da sociedade civil nas denúncias das perseguições, violências e assassinatos de lideranças Xukuru, nas reivindicações pela demarcação das terras indígenas. Morando em um pedaço de terra na Aldeia Pedra D’Água, “Seu” Gercino viu com a posse das terras a concretização do sonho tão esperado, o que vem possibilitando a fartura, o vicejar da vida e a dignidade para o povo Xukuru.

Compreender o significado das memórias narradas por “Seu” Gercino é compreender uma “história de experiências”. Um debruçar sobre essas narrativas, possibilita entender como “*peçoas ou grupos se fetuaram e elaboraram experiências*”¹⁴. Essas experiências foram e são marcantes porque foram intensamente vividas. As narrativas de “Seu” Gercino nos ajudam ainda “*entender como pessoas e grupos experimentaram o passado e torna possível questionar interpretações generalizantes de determinados acontecimentos e conjunturas*”¹⁵.

“Seu” Gercino, uma vida inteira na história Xukuru! Um octogenário, bastante debilitado pela doença, mas lúcido e muito ativo. Que rememorava com vivacidade a história do povo Xukuru por meio das histórias de seus antepassados, da sua própria história de vida. Ele é considerado pelos Xukuru assim como outros idosos e idosas, sábios e sábias que marcaram a história de seu povo, um símbolo nas articulações, organização e mobilizações para conquistas e garantia de seus direitos, na afirmação da identidade enquanto um povo indígena.

A história de “Seu” Gercino, em 83 anos de vida, nascido sem-terra e falecendo como morador na retomada Aldeia Pedra d’Água, um lugar mítico-religioso para os Xukuru do Ororubá, é bastante significativa: oito décadas no período de um século, ou seja desde a extinção do aldeamento, em 1879, até o início dos anos 1980, quando os Xukuru do Ororubá iniciaram as mobilizações para retomada de suas terras.

¹⁴ ALBERTI, *Owir...*, p. 35

¹⁵ ALBERTI, *Owir...*, p. 26.

RESUMO

Nascido na Aldeia Cana Brava na Serra do Ororubá (Pesqueira/PE), “Seu” Gercino faleceu aos 83 anos em 2007. Na sua infância, as terras do antigo Aldeamento de Cimbres estavam invadidas por fazendas de gado e engenhos de açúcar. Era época de muita fome e mortalidade infantil, mas o menino Gercino sobreviveu. Sem terras, seus pais foram morar com os avós do menino, trabalhadores “alugados” para um fazendeiro local. Com oito anos Gercino trabalhava no “cabo da enxada”. Com doze acompanhava anualmente os mais velhos nas festas na Vila de Cimbres e, substituiu o antigo “Bacurau”, o guia dos que dançam o Toré, símbolo da identidade indígena Xukuru do Ororubá. Já adulto, em épocas de seca, “Seu” Gercino como faziam outros seus parentes xukurus, migrou para “o sul”, foi trabalhar na lavoura canavieira. Com o Cacique Xicão, “Seu” Gercino participou nas mobilizações contemporâneas pelos seus direitos indígenas, pela demarcação das terras Xukuru. Na história de vida e memórias de “Seu” Gercino, encontramos a história contemporânea do povo Xukuru do Ororubá. O texto é uma pesquisa de história oral baseado em entrevista com “Seu” Gercino.

Palavras-chaves: memórias; índios Xukuru; história.

ABSTRACT

Been born in Cana Brava in the Serra do Ororubá (Pesqueira/PE), “Gercino” died to the 83 years in 2007. In its infancy, the lands of the old Village of Cimbres were invaded by farms of cattle and devices of sugar. Time of much hunger and infantile mortality, the Gercino boy survived. Without lands its parents had been to live with the grandmothers of the boy, “rented” workers for a local farmer. With eight Gercino years he worked in the “handle of the hoe”. With twelve he followed annually oldest in the parties in the Village of Cimbres and substituted the old “Bacurau”, the guide of whom dances the Toré, symbol of the Xukuru Ororubá identity. Already adult at times of drought Its Gercino as others its relatives indians xukurus migrou for “the south”, had been to work in the canavieira farming. Gercino with the Xicão Chieftain, participated in the mobilizations contemporaries for its aboriginal rights, for the landmark of the Xukuru lands. In the history of life and memories of Gercino, we find the history of the Xukuru people. The text is a search based on the oral history interview with “Your” Gercino.

Keywords: memories; Xukuru indians; history.

Artigo recebido em dezembro de 2007. Aprovado em março de 2008.